

Da Barbárie ao Capitalismo Espetáculo: desafios civilizacionais para indivíduos e instituições

Ângela Lacerda Nobre

Escola Superior de Ciências Empresariais do Instituto Politécnico de Setúbal ESCE-IPS

Resumo

O cotidiano das sociedades contemporâneas reveste-se de práticas que revelam um misto de paradoxo, complexidade e oportunidades. Oportunidades estas que se definem como o potencial ligado à exploração da manifestação plena da realidade, do fenómeno humano, de acordo com uma perspetiva não antropocêntrica, que aponta para a evolução, para a historicidade e para o desenvolvimento sustentável, ligando os seus três pilares, ecológico, económico e social. O misto de paradoxo e de oportunidade é característico de todos os períodos de transição histórica e o presente contexto de passagem para uma sociedade pós-industrial e uma economia digital revela-se como fator que acentua aquilo que estava subentendido e implícito. Este processo de explicitação é visível nos domínios públicos e privados. Os exemplos da sociedade espetáculo e mercantil e da barbárie civilizacional, em que o bem comum é intencionalmente destruído em nome de pretensos valores individuais e institucionais, surgem como enigmas a decifrar. “É a hora!”

Palavras-chave: Criação de sentido. Sociedade digital. Complexidade. Paradoxo. Inovação social.

From Barbary to Capitalism as Showbiz: civilization challenges for individuals and institutions

Abstract

Contemporary societies sustain daily practices that carry a mixture of paradox, complexity and opportunity. This opportunity is understood as the manifestation of reality's full potential, of human phenomena, in line with a non-anthropocentric perspective. That is, it focuses on evolution, historicity and sustainable development, with its three pillars, economics, environment and social development. The mix of paradox and opportunity is characteristic of all historical revolutions. The present transition context, of change from an industrial to a post-industrial society and a digital economy, reveals itself as the critical factor to be deciphered. The trick is to unveil that which has been implicit and hidden, assumed or presupposed. This inaugural moment, this explicitation process, is present both in public and in private domains and spheres of action. The contrasting examples of self-denial, examples such as show-business societies of the extreme forms of capitalism, as well as Barbary states, illustrate how supposedly individual and institutional values may enable the intentional destruction of common good. These are the enigmas to be deciphered. As claims Natália Correia, "when crisis do not generate acts of courage, then they should be referred to as an agony".

Keywords: Meaning-making. Digital society. Complexity. Paradox. Social innovation.

1 Introdução

"Quando a crise não é geradora de grandes audácias, mais indicado é dar-lhe o nome de agonia." *Natália Correia*

"Quando eu nasci já tinham sido ditas todas as palavras necessárias para salvar o mundo. Faltava salvá-lo." *Almada Negreiros*

O presente trabalho argumenta que o processo de criação de sentido que se materializa como inovação social é um caminho permanentemente aberto a todos. A sua concretização verifica-se a partir da conjugação de três condições base: condições de possibilidade de pensamento e de ação, a nível existencial; condições de partilha e de desbloqueio do conhecimento, a nível das comunidades científicas; e condições de estímulo à criatividade e à imaginação, a nível das redes globais e locais de interação pessoal e institucional, como os movimentos cívicos internacionais.

Este é o desenho do futuro, da criação humana e de projetos "larger than life", que ultrapassam os ciclos de vida de cada indivíduo. E este é, também, o motor por trás do entusiasmo que influencia ou determina o sucesso da ação individual e coletiva, de construção civilizacional.

O objetivo do presente estudo é tripartido: avaliação prospetiva do estado civilizacional das sociedades contemporâneas, intensificação daquilo que as constitui como uma unidade diversificada e modos de concretização ao nível individual e institucional.

Problema de pesquisa foca a inovação social. Nomeadamente, remete para a concretização da inovação social disruptiva à escala global e o para o papel primordial da comunicação midiática a três níveis: (i) na sua relação com a sociedade civil, como exemplo de exaltação da dimensão política, de trabalho para o bem comum, presente em todo o ser humano, (ii) na sua relação com a ciência, como comunidade científica militante, através da produção de conhecimento, desafiando para a irrecusabilidade do dinamismo existencial, e (iii) na sua relação com o poder político e com o poder económico, quer público, quer privado, como criadora de alianças estratégicas eficazes, apelando à urgência, aqui e agora, na concretização de respostas *win-win* e de ótimos de Pareto.

2 Posicionamento estratégico

Posicionamento estratégico refere-se ao procedimento de recolha e análise de informação que permite identificar aquilo que caracteriza como única a proposta de criação de valor que uma iniciativa específica, pública ou privada, oferece e, ainda, como é que essa caracterização a distingue das restantes alternativas possíveis. Assim, inclui, a análise do mercado, do lado da procura e da oferta, identificando oportunidades e desafios. E inclui a análise interna, desenhando práticas de *networking design* que permitem otimizar o potencial, valorizando os pontos fortes e corrigindo os pontos fracos. Um artigo académico, se tem um perfil de intervenção explícito, tem de ser eficaz ao nível do posicionamento estratégico, com uma comunicação audaz, focada na criação de fatores críticos de sucesso sustentáveis, virais e de inovação aberta, que inclui todas as partes interessadas ou *stakeholders*.

O presente artigo é herdeiro da seguinte tradição: ligar o que está por ligar, nem que seja ficando a agarrar cada uma das pontas, uma em cada mão. O estudo da mosca da fruta em biologia representa o percurso desejado para o tipo de trabalho em que este estudo se insere, i.e. pesquisas e intervenções de ciclo-curto, *low profile*. Estas são as que permitem anunciar como já em curso a revolução tida como utópica do trabalho para o bem comum.

Como pesquisa exploratória que é, insere-se numa lógica de guerrilha intelectual no sentido de promover a autocrítica, o sentido de humor e a criatividade. O argumento é que a semiótica é uma potente arma contra a miopia e a cegueira coletiva que afetam o mundo dito desenvolvido na contemporaneidade.

Desde o modelo da sociedade programada de Alain Touraine dos anos 70 (XXX), à sociedade em rede de Manuel Castells da última década do século XX (XXX), até às áreas de pesquisa disruptivas como o pós-humanismo, é possível argumentar que a semiótica em geral e a semiótica da comunicação midiática, em particular, são uma arma de intervenção social e de agregação de vontades preciosa.

A economia do conhecimento e a era digital centram-se no trabalho e na aprendizagem colaborativa uma vez que é este, no limite, aquilo que está em causa em qualquer transição histórica. A produção e a partilha do conhecimento são, inexoravelmente, processos individuais e coletivos de criação de sentido, de significação. Isto é, trata-se de processos semióticos em toda a sua extensão.

Como confessa Hannah Arendt (XXX) àcerca do seu trabalho, o que pretende é permitir-se pensar. Se tal exercício pode ser útil a outros é secundário e periférico pois o seu enfoque é em entender, decifrar e desvelar o que está escondido. Isto é, Arendt explora articulações únicas a partir do que os outros disseram, em vez de se limitar a repetir o que já foi dito.

Assim, importa mapear estratégias e desenhar táticas de intervenção que sejam mobilizadoras. Aqui, é fundamental ligar a teoria e a prática. Como exemplos de intervenção prática, surgem as iniciativas portuguesas ligadas à celebração dos quarenta anos do Semanário Expresso, o contributo de associações cívicas como “O que faz falta” e a experiência de ensino de economia a futuros gestores, educadores e engenheiros.

3 Escutanto Che Guevara

O que se procura é um trabalho exploratório, com perplexidades a partilhar com os futuros leitores. Assim, não há certo nem errado mas um convite a pensar no que nos move.

Este é um exercício coletivo de diálogo e de apresentação de perspetivas e de interrogações, em que tentamos que o público - presente e futuro – colabore, na busca de modelos e de inspiração que ative a chamada "cidadania global". Isto é, criar alianças transformadoras que promovam a construção e aprofundamento de uma comunidade científica verdadeiramente internacional.

O conceito de “homem novo”, propugnado por Che Guevara, capta o dinamismo que se pretende potenciar. Ou seja, o homem como sujeito da transformação histórica, ser social responsável por mudar o mundo a partir de si mesmo.

Dizia Che que mudar o modo de produção não era suficiente. Para que tal transformação se sustente é necessário que se desenvolva uma consciência na qual os valores adquiram categorias novas. A sociedade em seu conjunto deve transformar-se em uma gigantesca escola.

(FABULOSO!!! – continuar?)

4 O mais profundo do individual é universal

Só é possível “pregar aos convertidos”, i.e. indivíduos e instituições só têm acesso àquilo em relação ao qual têm contato íntimo, ao nível experiencial. De acordo com o que é definido pelas condições de pensamento e condições de ação (Jaspers, XX), as quais seguem o modelo de análise histórica de Max Weber, a evolução faz-se por continuidade e rotura, por processos de réplica ou de resistência, os quais alimentam um dinamismo-fonte, de ordem existencial, o qual é ininterrupto e infinito.

O que é vivido como situação-limite surge como uma tensão-criadora. Esta implica, por si só, a resolução dessa tensão com atualização das respostas prévias de réplica e reprodução ou, alternativamente, de resistência e abertura à mudança. Aquilo que cada ser humano viver de forma autêntica, em termos de experiência limite, constitui-se necessariamente e em simultâneo, como aquilo que é constitutivo da humanidade. A vida é dita. A vida vive-se dizendo-a. A vida diz-se, é pela palavra que vamos - “navegar é preciso”.

As figuras públicas e a informação pública determinam-nos. A informação que consta num documento de identificação – nome, sexo, data de nascimento, filiação, estado civil, nacionalidade, naturalidade, ou residência – diz mais sobre a estrutura institucional vigente do que sobre a existência singular de cada um. Contudo, a evolução que chega à categorização, e sistematização e processamento da informação pública constante num documento de identificação, criam possibilidades de ação e de pensamento, as quais, por sua vez, vão provocar novas mudanças.

Dados como estado civil, residência, etc., são atualizados por processos burocráticos que os suportam: estruturas de pensamento e de ação coletivas. Sexo, em sociedades que oferecem a possibilidade de mudança de sexo, tem um procedimento correspondente que o determina, pelo que num contexto é um dado mutável e noutro não.

Figuras públicas, como sujeitos singulares cujo contexto histórico determina a sua continuidade enquanto servirem de símbolo a algo que os transcende, têm este mesmo papel, estruturante. Numa sociedade matriarcal ou patriarcal, os modelos apreendidos serão diferentes, sendo esta diferença replicada família a família. A avó, mãe, tia, irmã mais velha, prima *versus* o avô, pai, tio, irmão mais velho ou primo, vão exercer um papel e uma prática de domínio que será independente das opções individuais, uma vez que já vêm pré-formatadas por um processo de

repetição e resistência anterior, mais vasto do que as existências individuais dos filhos e filhas singulares.

Exemplos extremos como as figuras públicas de Jesus o Nazareno ou de Adolf Hitler, são aquilo que são no imaginário coletivo contemporâneo porque veiculam algo que as antecedeu e determinou.

No caso do Nazareno, esta narrativa está bem documentada pela hermenêutica e pela exegese bíblica que identifica pontos de continuidade e de rotura, os quais, por seu turno, permitem salientar aquilo que é radical e original nessa existência concreta. Em semelhança com Sócrates e com infinitos mártires de todos os tempos, revelam a situação-limite de alguém que é morto pelas suas convicções, o que tem o efeito de suscitar o questionamento em relação às convicções que veiculamos. Mais importante do que as convicções que podem ser ditas por um discurso visível, são aquelas ditas pelas ações e opções concretas de cada indivíduo ou de cada instituição. A declaração de intenções é crucial mas é apenas a ponta do iceberg.

No caso do Nazareno, a sequência de influências prévias e as relativas ao contexto concreto em que tais experiências foram vividas, faz das suas palavras e da sua herança, não só uma data de organização do calendário mas uma forma de organização de conceitos. Tal é ilustrado, por exemplo, pelos termos escolhidos pela Revolução Francesa, “liberdade, fraternidade e igualdade”, em 1789, ou pelo ideal do Iluminismo do século XVIII ou do emergir da ciência moderna no séc. XVII, ou das cidades mercantis do século XIII. Estes fenómenos revelam mudanças estruturais que se tornaram possíveis na sequência de algo que as antecedeu.

Cidades, práticas comerciais, ciência ou revoluções, são eventos de um único processo que caracteriza o ser humano desde os tempos das cavernas, que consiste na sua capacidade de organização para o bem comum. Moralismos ou formalismos éticos só pode surgir na sequência desta manifestação daquilo que caracteriza o ser humano de forma irrecusável.

No caso de Adolf Hitler, esta história está por escrever no sentido em que para ambos, o Nazareno ou o líder austríaco, foram possíveis, como existência concreta, e são possíveis de ser mencionados hoje, como símbolo e como signo, porque transportam algo que está presente e que é comum a todo o ser humano desde as origens.

5 Da psicanálise à centralidade da semiótica

É necessário lembrar Freud (XXX): aquilo que nos dá prazer, como o sermos alimentados, saciados, e que nos marca como experiência primordial, estrutura-nos. E, assim, determina um padrão que leva à busca da repetição de tal experiência, padrão este que é único e singular,

como o é cada célula, mas que carrega também a marca do universal, do que o liga ao todo. Na célula, será o ADN e na sociedade, será a mentalidade, cultura e civilização.

A psicanálise diz-nos não só que são os primeiros cuidadores que nos marcam para a vida mas diz também que, ao longo de todo o ciclo de vida, nunca se pode saber quem vão sendo os pais e as mães que vão formatando e reformatando cada ser humano. Isto é, existe uma marca, uma situação limite que revela um acontecimento, um recém-nascido que é saciado, e é acontecimento pois prefigura essa existência como modo de funcionamento. Por sua vez, este mecanismo de *input-output*, sendo comum à humanidade, acontece de forma única e singular de cada vez que se manifesta, no aqui e agora da vida cotidiana.

White (XXX) e Bergson (XXX), explicam de forma magistral este processo. White, com a teoria dos tropos em que identifica a ironia como o mais sofisticado elemento da sequência de estágios de criação de sentido. E Bergson, no seu estudo sobre o riso, com a identificação do mecanismo através do qual algo surge como irónico. Em ambos os casos verifica-se o mesmo processo simultaneamente singular, único e individual, por um lado, e plural, universal e coletivo, por outro.

Se as duas guerras mundiais se ligam aos conflitos bélicos contemporâneos ou se a conquista do espaço e as zonas de fome no planeta revelam opções políticas tomadas por políticos e por eleitorados concretos, no caso de regimes democráticos, então podemos dizer, como a teoria dos tropos ou do humor, que podemos identificar eventos públicos, com data e local, mas que o processo que os constitui é interminável, infinito. Assim, os mecanismos de sobrevivência e desenvolvimento, de indivíduos e de instituições, são positivos no sentido em que permitem, abrem espaço, dão lugar à manifestação daquilo que há de mais único e universal em cada ser humano ou, pura e simplesmente, adiam, ignoram e interrompem tal fluxo.

Como afirma Wittgenstein (XXX), face à incompletude da existência o que cabe realizar a cada ser humano é fazer da sua vida uma obra de arte, uma obra-prima.

O desejo de prazer de Freud, os tropos de White, o riso de Bergson ou a obra-prima de Wittgenstein podem ser ligados à obra do mestre da fenomenologia ontológica Michel Henry (XX) na sua obra fundacional, *“A Essência da Manifestação”*. A filosofia da vida de Dilthey (XX) e a herança husserliana (XX) fazem da busca no mundo dos afetos daquilo que de forma mais completa e sofisticada revelam a radicalidade e a originalidade do comportamento humano. Radical vem de raízes e original vem de origens.

Esta antropologia centrada na afetividade aponta para a passividade como elemento chave. O ser humano é afetado apenas porque é passível de o ser, e essa possibilidade constitui-se como *pathos* e como passividade. Num conjunto de obras que focam emergências históricas, como a ciência moderna e as origens da psicanálise, com o trabalho de René Descartes, ou o estudo de Karl Marx e o papel do materialismo e da possibilidade de transformação das sociedades, Michel Henry apresenta não uma filosofia mas uma *praxis*, um modo de existência. Como a literatura universal, a par da música, tocam e desenvolvem até ao limite a capacidade de produção de sentido de um autor e da sua época, assim a fenomenologia dos afetos de Henry apresenta o apogeu da capacidade de manifestação da realidade humana, permitindo dizer, como Winnicott (XX), nada do que é humano me é estranho.

E aqui surge a importância da semiótica, em particular a transição ocorrida no início do século XX com os trabalhos de Saussure (XX) e de Peirce (XX), os quais passaram a marcar todas as escolas de pensamento semiótico ocorridas desde então.

6 A semiótica e a criação de sentido

A semiótica, como ciência dos sinais, constitui-se como a melhor ilustração da capacidade de manifestação do ser humano e, ainda, da sua auto-negação. A semiótica é afirmação e manifestação da realidade pois circunscreve a capacidade de criação de sentido, a qual é constitutiva do ser humano. E a semiótica é negação pois o seu papel contínuo e ativo, mas nem sempre visível, ao longo da evolução histórica da civilização ocidental, revelam um mal-estar na capacidade de olhar sobre si mesmo. Esta inquietude pode ser criativa e fecunda mas pode levar ao bloqueio e ao fechamento sobre si próprio, num ciclo vicioso.

A semiótica surge à volta do conceito de sintoma. Afirmação com sintoma, como sinal de algo que está para além de si próprio, como nos dizia Aristóteles. Sintoma que aponta para doença e para a emergência da medicina, e sintoma como questionamento que dá à luz a filosofia. Se na Antiguidade e na categorização aristotélica a filosofia surge como a mãe de todas as ciências, na modernidade inverte-se esta posição e passa a ser filha, enteada, semi-desprezada, mas visível.

Contudo, a semiótica, que foi fundante da civilização ocidental e que nunca deixou de estar presente ao longo da história do seu desenvolvimento, atinge a modernidade e a pós-modernidade apenas onde lhe dão espaço, i.e. no surgimento de novos saberes e não nas ciências modernas. São exemplos da importância contrastante da semiótica a evolução de áreas

de saber como as ciências de comunicação, o jornalismo, o cinema, a publicidade, o marketing e a teoria literária.

A antítese da criação de sentido é a barbárie. Henry (XX) denuncia a barbárie de uma banalização e redução a “commodity” do que o ser humano tem de criativo e de inovador. Esta “coisificação” é particularmente chocante nas práticas políticas, reveladoras de um esvaziamento de sentido. como acontece com a sociedade espetáculo e do capitalismo que funciona como uma feira das vaidades (XX).

7 Ilustrações de casos reais

7.1 Celebrar 40 anos do Semanário Expresso – proposta aberta

Expresso – 40 anos – Janeiro 1973-Janeiro 2013 – (proposta de julho de 2012)

Portugal – revolução de 25 de Abril de 1974-2014 – quarenta anos. Celebrar a idade madura e esta débil democracia. Quando se pensa na frustração do que funciona mal em Portugal pensa-se que é o preço a pagar por uma revolução pacífica. A mudança pacífica não tem preço, no sentido de ser um ganho incomensurável. Mas, assim, este pagar aos poucos, na forma de disfuncionalidades, é o ajustamento lento, daí termos de ser pacientes, resilientes e empenhados em trabalhar para uma sociedade mais democrática, justa e inclusiva. Esta é uma lição sem fronteiras e à escala global pois é uma tarefa à qual todos somos chamados.

A forma como celebramos datas especiais reflete aquilo que vivemos no quotidiano. Cada indivíduo ou cada instituição organiza-se segundo ideias e concepções próprias, que espelham a sua identidade e o seu carácter único. Quando se prepara e se imagina uma celebração, mais importante que a data em si, é repensar todo o percurso passado e como é que o momento atual nos abre para o futuro.

Que raízes, que fontes nos determinam e que frutos preparamos para o futuro?

E a história, quer de indivíduos, quer de instituições, não se faz sozinha – é também a história do mundo que está em causa, mesmo que local e fracionada. Dito de outra forma, sabemos que todas as coisas se ligam mas apenas temos uma perceção parcelar e provisória. Defrontamos um paradoxo: a unidade do universal e a sua apreensão localizada e incompleta. Assim, o que se celebra e como se celebra quando se celebra um aniversário?

Julho de 2012, mês sete, a seis meses de Janeiro de 2013, data de celebração dos 40 anos do Semanário Expresso.

Propor um convite, um desafio e uma tarefa: uma atividade que se estende entre os seis meses antes e continua durante mais seis meses, ou ao longo do ano de 2013. Propor um exercício de reflexão conjunta, aberto e questionante:

I - Nestes 40 anos, identificar o que tem sido feito e o que se deseja que se concretize no futuro. Assumir três aspetos centrais, três perspetivas orientadoras, três níveis de interpretação: o que tem sido feito e o que se pretende que aconteça em termos de reinventar práticas/ renovar mentalidades/ reformar instituições.

II - Vamos repensar: (i) como nos organizamos em sociedade?; (ii) o que nos vemos fazer?; (iii) que modelos, referências e valores nos movem?

III - Face às respostas a estas questões, procurar saber: (i) é isto que queremos em termos de consequências e de tendências de evolução?; (ii) podemos fazer melhor?; (iii) que pistas temos? Que guia, que orientação, que critérios seguir?

IV - Pressupostos: Contexto: global; Problemas: globais; Soluções: globais.

- não há respostas simples para problemas complexos; - não há soluções, há caminhos; - o caminho faz-se ao andar

V – A mudança é inevitável, é um dado adquirido. Mas como tornar essa mudança um processo de transformação? Isto é, de manifestação do máximo de potencialidades da realidade?

VI – Contexto global e marcado pelo predomínio do visual em detrimento da palavra escrita. Desconstruir frases feitas e lugares comum - exemplo: uma imagem vale mais do que mil palavras.

Questão mal colocada: não se trata da imagem substituir a palavra mas sim de uma evolução no sentido da maior sofisticação e complexificação daquilo que é dito, do que é determinado, 'isto é assim e assim'. A diferença entre assistir a uma história na TV ou num filme, ou lê-la num livro é que o filme restringe o campo de representação imaginária da realidade que está a ser descrita, enquanto a leitura exige o exercício contínuo de imaginação das cenas, dos personagens, dos acontecimentos e do enredo. Então a diferença entre imagem e palavra escrita? É um processo semelhante pois a imagem restringe o campo de interpretação do que está a ser representado enquanto que a palavra abre este mesmo campo, não infinitamente, mas sim noutro grau, noutro nível. E porque é que a imagem tem tomado lugar à palavra escrita? Trata-se antes de uma relação complementar e de continuidade, e de contrabalançar um eventual desgaste das palavras, provocado por excesso de uso e sobredosagem de informação.

Que questões se colocam às práticas e às dinâmicas que movem as instituições ligadas à comunicação social e aos média?

VII – Focar a ligação entre: diálogo/ reflexão/ acção.

Criar espaços: criar condições de possibilidade de pensamento e de acção – abertura ao novo.

VIII – Precisamos de imagens; E precisamos de palavras; Precisamos de sonho e precisamos de chão, de terra e de barro. Moldamos e deixamo-nos moldar. Somos aquilo que respiramos. Olhar e ver. Ouvir e escutar. Fazer e agir. Pensar e refletir. O reflexo do espelho. O espelho da vida. “A clarividência da mente mente”.

IX – Questões em aberto:

Antropologia – que pressupostos assumimos sobre o ser humano? Temos uma visão antropocêntrica da realidade?

Epistemologia – que escolas de pensamento veiculamos? Assumimos a existência de alternativas ou optamos por uma forma de pensamento único? Reduzimos a realidade àquilo que pensamos dela, aos nossos modelos e esquemas mentais?

Contexto – transição civilizacional?

Protagonistas – passageiros, viajantes, turistas, utentes, clientes, testemunhos, agentes, atores, representantes? Seguimos um guião preestabelecido? O que nos condiciona?

Para Nietzsche todos nós somos movidos por interesses e quanto mais escondidos e disfarçados esses interesses estiverem, mais importantes e determinantes serão. Desafio: repensar que interesses nos movem?

Não se trata de falar de ética, nem de humanismo. É outra coisa. (A ética e o humanismo já estarão contaminados?). É um convite. E não é uma questão de liberdade, nem de responsabilidade, nem tão pouco de comunicação. É a dinâmica da vida. E é seguir a acção.

7.2 O papel do ensino superior e do ensino da economia

A atividade docente a nível individual, atividade letiva e de pesquisa, insere-se numa visão de conjunto, de projeto de vida, com todas as suas fragilidades e riscos, e com iguais desafios e paixões.

A componente política do ensino superior, i.e. como este setor económico cria externalidades positivas, no mais nobre sentido do conceito de política, de contributo ativo e intencional para

o bem comum, é uma dimensão apaixonante em absoluto. Se algo a civilização em que vivemos tem falhado é em não enaltecer eficazmente este assombro.

Não será só o ensino superior, nem sequer a educação, a lista é longa, incluindo os média, a saúde, as infraestruturas tecnológicas e os sistemas de inovação formais. Este contágio construtivo e positivo é algo que está ao nosso alcance no quotidiano. Olhando para trás, é possível identificar limitações e trabalho por completar. Contudo, estas mesmas limitações também desvelam virtualidades.

Estas considerações permitem afirmar a importância crucial que tem uma instituição de ensino superior numa região. A educação e a investigação são, como aprendemos nos livros, o segredo do sucesso do desenvolvimento regional, e o caminho para a tão apregoada “economia da felicidade”. As ligações ensino superior/ indústria e mundo da economia como ciência e economia como política, aplicada, como política económica, são fundamentais para qualquer instituição do ensino superior.

Contudo, para uma escola de gestão, num contexto de colaboração com as outras áreas chave, como o são as ciências de comunicação, a tecnologia, a educação ou a saúde, estas ligações são primordiais, estruturantes, e permitem dinamizar toda e qualquer ação, toda e qualquer área de intervenção considerada.

Mais importante ainda, esta realidade, esta constatação, é verdadeira para qualquer ponto do planeta, independentemente do seu estado de desenvolvimento. Numa zona faminta, não é o acesso a fundos que permite inverter a tragédia mas a capacidade de gente empenhada, comprometida, e são-no na medida em que já estudaram a história, a ciência, a filosofia, e sabem que o ser humano das cavernas e o que chegou à lua são o mesmo, caracterizado pela capacidade de unir esforços para lutar por algo maior do que si próprio.

No nosso quotidiano, vivemos a vertigem de confrontarmo-nos com os heróis de todos os dias, as mães e os pais que trabalham e estudam, os colegas que investigam, e o ambiente estimulante e gratificante de quem procura entender-nos, ajudar-nos e puxar por nós. É este o privilégio que importa testemunhar.

7.2.1 Instituições internacionais e o apelo ao contributo público

Em termos económicos, o direito fiscal internacional ilustra bem como a evolução de uma certa orientação de política a nível global pode ter efeitos contraproducentes. Assim, a OCDE emitiu uma chamada pública de contributos para comentar a análise da situação fiscal a nível global. Este é um exemplo paradigmático pois caso pudesse ser espalhado de forma viral, a par do

incentivo a uma maior literacia económica, poderíamos antever uma era socialmente mais justa, equitativa e inclusiva.

O Curso de Verão, organizado pela faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, “Instituto de Direito Económico, Financeiro e Fiscal”, IDEFF, através do GREIT, “*Group on European & International Taxation*”, 6ª edição, “*Tax Good Governance and the BEPS Action Plan*”, ocorreu de 16-20 Junho, 2014. O BEPS é o relatório da OCDE de Fevereiro de 2013, “*Base Erosion and Profit Shifting*” (BEPS), que foca a percepção de falhas ao nível do direito internacional relacionadas com as práticas de “*aggressive tax planning*” e de “*tax avoidance*”, i.e. estratégias empresariais de planeamento fiscal agressivo e de fuga aos impostos numa perspetiva internacional. Isto significa que as regras e as leis de direito fiscal internacional passadas, que procuravam evitar a “*double taxation*”, pagamento no país de origem e no país de venda, de dupla tributação, significam atualmente, com as medidas empresariais agressivas, que se verificam situações de “*no taxation*”, ou fuga eficaz aos impostos. Assim, a OECD/G20 emitiu em julho de 2013 um “*Action Plan*”, Plano de Ação, de quarenta páginas, e fez um pedido público explícito de contribuições e comentários às medidas corretivas e preventivas propostas neste plano. Neste curso, intervieram peritos mundiais em direito fiscal e participaram alunos de doutoramento de todo o mundo, em que alguns asiáticos vinham pela primeira vez à Europa.

7.3 A sociedade civil e a cidadania ativa

Que pressupostos? - Cidadania como exercício de pertença; Cidadania como abertura ao novo; Cidadania como experiência coletiva.

1º - A cidadania é um exercício concreto, uma prática explícita e visível. A cidadania é um exercício de pertença. Esta pertença atravessa todas as atividades humanas da vida em sociedade e todas as fases do ciclo de vida de cada indivíduo.

O grau de capacitação de indivíduos, de instituições e de regiões para concretizar o seu pleno potencial de desenvolvimento depende da qualidade das relações que sustentam este sentido de pertença.

A intersubjetividade, o espírito crítico, a criatividade, a abertura ao novo e ao diferente, a capacidade de iniciativa e de concretização, e de mudança construtiva, são elementos críticos de um processo de desenvolvimento permanente.

Permanente este desenvolvimento, ainda que nem sempre contínuo, nem linear. Isto é, necessita de ser nutrido, valorizado e potenciado.

2º - O conceito de cidadania, como conceito complexo e multifacetado, permite agregar vontades, motivar para a mudança, estimular o entusiasmo e a defesa de causas ligadas ao bem comum.

Num contexto de concretização das capacidades de todos os envolvidos - indivíduos, entidades, regiões geográficas concretas, redes alargadas – importa reconhecer que a globalização e o acréscimo da concorrência fazem com que as questões ligadas à cidadania estejam na ordem do dia, direta e indiretamente.

Diretamente pois todos temos de ser capazes de justificar porque é relevante a nossa ação. Indiretamente porque na hora de escolher, cada um de nós, como consumidor e das mais diversas formas, irá aproximar-se de quem for mais eficaz em comunicar e em concretizar os grandes ideais que nos mobilizam como sociedade. Isto acontece com o efeito de marca, de *branding*, num contexto comercial, ou a nível político, do eleitorado, incluindo as abstenções, ou as redes sociais, associativas, e as relações profissionais, familiares e de amizade. Cada um cria valor, oferece valor, afirma uma proposta de valor.

Maior concorrência, face a um consumidor cada vez mais informado, exigente e interessado em defender causas mobilizadoras da vontade coletiva, de defesa do bem comum, implica a necessidade de formalizar, de explicitar, de afirmar ações concretas ligadas à responsabilidade corporativa, à ética empresarial e à cidadania institucional.

3º - Se é verdade que as competências técnicas são aquelas assumidas como necessárias e imprescindíveis para todos e, assim, não são verdadeiramente diferenciadoras, então são as competências humanas, tácitas, não predefinidas, não facilmente imitáveis, aquelas que verdadeiramente fazem a diferença. Tal é verdade para indivíduos e para instituições.

O conceito de cidadania permite orientar a ação para este sentido de ir mais além, ultrapassar as expectativas dos consumidores e afirmar a presença numa cadeia de valor que promove o bem comum a nível global. Por mais insignificante que seja essa intervenção, é a atitude, o exemplo, aquilo que ela sinaliza internamente, para todos os colaboradores institucionais, e externamente, para todas as partes interessadas externas, aquilo que verdadeiramente conta, que diferencia, que faz abrir novos caminhos.

=> Que consequências?

1º - Face a estes pressupostos, a afirmação da importância da cidadania para outros, para um público jovem, em particular, é também a afirmação da importância de cada indivíduo, de cada instituição, de cada região concreta. Assim, cabe-nos a todos, individual e coletivamente,

explicitar a forma como aquilo que fazemos se liga à criação do bem coletivo, do interesse e dos valores da sociedade a que pertencemos, a nível global. Se são globais os problemas das sociedades contemporâneas, também o são o âmbito de atuação de cada entidade particular. Existe um consenso generalizado e global em relação ao que é bom e desejável coletivamente, apenas diferimos na forma de o concretizar, de como agir para que tal bem aconteça e se materialize. Os ideais de evolução, de progresso, de desenvolvimento, são mobilizadores, apenas faltam pistas que indiquem formas concretas de os pôr em prática. Tal é a tarefa que nos cabe, a todos, sem exceção, no quotidiano, no interior das atividades e das rotinas diárias, nos atropelos e frustrações, o que importa é afirmar e criar condições para avançar, para reconhecer pequenas vitórias e para estimular e motivar para concretizar nossos passos, novas concretizações.

2º - Três abordagens concretas permitem posicionar esta mobilização coletiva: primeiro a ideia da Europa, que não se esgota no modelo de integração económico da UE, mas sim que permite situar historicamente e em termos geo-estratégicos a atuação particular de cada iniciativa concreta, não uma Europa isolada mas aberta ao mundo; segundo, a importância da ligação entre três áreas que são cruciais em instituições do ensino superior mas que estão presentes em qualquer instituição complexa, independentemente da sua dimensão e área de atividade, que são a ligação entre prática, investigação e educação, em sentido lato - como ligamos o que fazemos, que concretizamos, àquilo que pensamos e desenhámos e àquilo que comunicamos e afirmamos; terceiro, e face à complexidade crescente, a todos os níveis, a constatação de que precisamos uns dos outros, que temos de trabalhar em conjunto, de criar sinergias, de explicitar estratégias e objetivos comuns, de concretizar pequenos passos que abram caminhos a outros passos maiores.

3º - Uma coisa é concordar e acenar passivamente com a cabeça em concordância com um qualquer ideal. Outra coisa é um posicionamento realista mas construtivo, criativo e imaginativo, que entende que as condições mínimas de partida já lá estão e que o que é necessário é construir, criar, inventar formas de potenciar essas mesmas condições, capacidades e potencial. Assumir riscos, erros, falhas, acidentes de percurso, corrigir e prevenir, mas avançar, concretizar, criar mais e melhores condições, explorar novas e melhores formas de manifestar a melhor das possibilidades ao alcance de cada um, individual e coletivamente. Uma vez mais, a cidadania é um fio condutor que permite ligar o quotidiano a uma linha de montagem, uma cadeia de valor, que liga cada gesto, atitude, ação ao contributo para o trabalho conjunto, global, integrador que busca a concretização do bem comum, em que nada fica de

fora, nada é excluído e cada passo insignificante abre caminho para novos passos. Em termos concretos, só é possível exigir maiores esforços, maior empenho, maior concretização se houver entusiasmo, paixão e convicção, identificação com aquilo que se procura, se anseia e se pretende atingir. Não se muda por decreto. Mas precisamos de decretos que afirmem de forma inteligível e irrecusável que todas as condições a serem criadas são condições que permitam avançar, mobilizar, dinamizar e que caso tal não aconteça, melhores condições terão de ser inventadas e concretizadas. Precisamos de gente apaixonada que nos contagie a todos. Precisamos de afirmar um compromisso de ação, de construção positiva, de inovação e de criatividade.

8 O ser humano, constitutivo e constituinte da realidade da linguagem poética

O ser humano é um ser gregário – criamos bebês-proveta mas não podemos ter um ser humano num tubo de ensaio. Assim, ao pensar vidas, indivíduos, histórias de vida, pensamos também em comunidades e percursos. E ao pensar no que cada um de nós vive, interiormente, pensamos nas heranças, influências, aprendizagens que recebemos dos outros. Este vai-vem é pleno de sentido pois é constituinte da humanidade em si.

A humanidade, vista sob uma perspectiva não antropocêntrica, é portadora de um dinamismo que atravessa toda a realidade. O movimento de manifestação da realidade permite que cada elemento individual e que cada conjunto desses elementos busque o seu melhor, procure concretizar o seu potencial.

Se nos parece que o resultado final, em termos do que percebemos dos contextos em que vivemos, é limitado e está muito longe de atingir a perfeição, talvez seja importante reequacionar esta visão. Podemos brincar com a seguinte perspectiva: a realidade, tal como se nos apresenta é o melhor dos mundos, é o resultado do esforço de muitos, todos a darem o seu melhor. Até o criminoso quer realizar o crime perfeito. A partir daqui, aceitando como um dado aquilo que se nos apresenta, inclusive em relação a nós mesmos, então podemos pensar no passo seguinte.

Face à constatação de um certo estado de coisas, podemos dizer, “então e agora, o que posso eu fazer?” E assim avançamos.

Dramatizamos demais e assim perde a graça. Temos de manter a graça, o sentido de humor, a capacidade de rirmos de nós mesmos.

Esse é um treino doce, uma brisa suave. Tão suave que por vezes o esquecemos. E este treino é ainda um treino coletivo, uma viagem partilhada. E esta viagem alguém a continuará e é esse sabor delicioso ou antes aroma que faz ansiar por mais e mais e nos faz crescer água na boca.

“Esta é uma confissão de amor: amo a língua portuguesa. Ela não é fácil. Não é maleável. E, como não foi profundamente trabalhada pelo pensamento, a sua tendência é a de não ter sutilezas e de reagir às vezes com um verdadeiro pontapé contra os que temerariamente ousam transformá-la numa linguagem de sentimento e de alerteza. E de amor. A língua portuguesa é um verdadeiro desafio para quem escreve. Sobretudo para quem escreve tirando das coisas e das pessoas a primeira capa de superficialismo.” Clarice Lispector

“A Descoberta do Mundo” <http://www.novomilenio.inf.br/idioma/20000413.htm>

9 A ciência e a política económica como discurso a ser desconstruído

Nunca, como hoje, se publicou e se opinou tanto sobre assuntos económicos. E nunca, como hoje, o panorama pareceu tão conturbado. A sobredosagem de informação e a facilidade em manifestar opiniões, banaliza as questões e facilmente leva a posições extremadas.

Cria-se um desgaste ao nível do debate público e da capacidade de trazer novas luzes e novas perspetivas sobre assuntos centrais e que têm papéis determinantes na vida da sociedade. Este impasse e esta contradição, em termos históricos, levaria a pensar na eminência do surgimento de novas abordagens teóricas e conceptuais, novas soluções.

Mais ainda, estas novas abordagens, dada a complexidade e incerteza do contexto, teriam tanta possibilidade de surgir de fontes convencionais, como dos mais prestigiados economistas, como de um principiante, de alguém recém-chegado, que conseguisse fugir aos vícios de raciocínio já instalados. Toda a ciência evolui através deste processo de construção/desconstrução constante.

Vale a pena recuarmos no tempo. A ciência económica já fazia parte do conjunto de ciências definidas por Aristóteles, dizia respeito à satisfação das necessidades básicas e era considerada uma ciência menor e marginal, ligada aos assuntos domésticos. Hannah Arendt salienta o contraste entre a Antiguidade e a atualidade e argumenta que a centralidade, o protagonismo e a onipresença que têm hoje os assuntos económicos é reveladora do esvaziamento que sofreram as outras áreas ligadas à argumentação sobre o que é uma vida boa, uma sociedade perfeita e a procura do bom, do justo e do belo. Arendt esclarece que eram de tal forma consideradas como incompatíveis, as atividades económicas e as ligadas à nobre atividade de cidadania que quem estivesse conectado com uma seria excluído da outra e assim, os

mercadores, as mulheres e os escravos não podiam ter o estatuto de cidadania na antiga democracia grega.

Ao longo da Idade Média as ciências evoluíram mantendo-se o estatuto da filosofia como mãe de todas as ciências. Na modernidade, a ciência económica é a única cuja data precisa de nascimento como ciência moderna pode ser determinada de forma exacta e trata-se da data da publicação da obra de Adam Smith, “A Riqueza das Nações”, de 1776. Nesta altura, a economia ainda pertencia à área da filosofia moral. Entre A. Smith e a obra de John Maynard Keynes, nos anos 30 do século XX (publicada entre 1910 e 1940), não se fazia a distinção entre micro e a macroeconomia, daí Keynes ser conhecido como o pai desta última através do seu trabalho ligado aos ciclos económicos, à necessidade de intervenção do estado e à definição de conceitos hoje centrais como o da procura agregada. Ambos Smith e Keynes, tal como todos os marcos da evolução de qualquer ciência, integraram conhecimentos dispersos já disponíveis à época, sistematizaram-nos, criando novas abordagens e conceitos, permitindo, assim, a sua utilização de forma inovadora e prolongada no tempo.

E o que interessam estas considerações históricas se quisermos entender o mundo de hoje e, mais grave ainda, prospetivar tentativamente o futuro, a nível nacional ou da economia global? Este era um dos argumentos de Keynes que se insurgia contra os políticos agarrados a lugares comuns e a conceitos rígidos, superficiais e isolados, desprezando a necessidade de reconhecer os contextos históricos da evolução do pensamento económico. Dizia que aquilo que cada político traz como sendo do próprio e inovador, é uma mera repetição do pensamento de algum economista morto.

Em termos técnicos, a ciência económica, a par de toda a ciência moderna, teve um progresso e uma evolução vertiginosa. Contudo, a redução da realidade, incluindo da realidade económica, a questões técnicas, esvazia de sentido a sua atuação como estruturante, fundante e determinante da organização dos estados modernos e da sociedade contemporânea. Assim se argumenta hoje pela necessidade do regresso da ciência económica à economia política (*scientific economy vs political economy*).

O pressuposto da neutralidade da ciência ganha outros contornos face à complexidade e dinamismo da realidade social e humana. Se esta constatação é óbvia e básica para qualquer estudante de ciências sociais, ela mesma é esquecida a um nível agregado, legitimizando as mais absurdas decisões políticas, em nome de uma técnica que restringe a realidade a um modelo abstrato, redutor e isolado. Toda a evolução da modernidade no contexto da civilização ocidental pode ser lida à luz desta mesma constatação.

Como casos extremos basta-nos olhar para a história das duas guerras mundiais ocorridas no século XX ou para a situação actual face à fome no mundo. Existem elementos biográficos de altos oficiais nazis, homens cultos e excelentes pais de família, herdeiros da mais rica filosofia alemã, dos mais sofisticados valores do humanismo e do Iluminismo, que aguardavam que as câmaras de gás executassem a sua tarefa a ouvir Schubert, sendo Wagner e Strauss os músicos eleitos do Reich.

Em ambos os casos, em relação às guerras do século XX ou à situação de fome na actualidade, temos um lado que é descartado como inevitável ou incontrolável, independente e desligado de tudo o resto. E, do outro lado, temos o que é supostamente neutro, alicerçado em sólidas considerações abstractas, construções teórico-técnicas bem fundamentadas, assumidas como verdadeiros dogmas pela comunidade científica (mais precisamente, pela escola dominante e entendida como exclusiva, que tem voz na criação da opinião pública e do “senso comum”).

Estes construtos teóricos da produção científica são apropriados pelo poder político e pelo discurso dominante tornando-se parte das verdades inquestionáveis, naturalizadas, isto é, assumidas como naturais e inevitáveis, fazendo parte de uma lei universal e imutável. Também a escravatura teve esta mesma aurea de legitimidade e já depois de ter sido abolida em certos países, essa transição foi lenta e, por exemplo, no Vaticano, permaneceu ainda até mais tarde a existência de escravos e a defesa da escravatura. A própria história da escravatura não nos traz aquela visão romântica que nos deixa bem instalados na nossa zona de conforto ligada às maravilhas do progresso da civilização ocidental.

Historicamente, no período dos Descobrimentos e do início da Modernidade, a escravatura era uma indústria sofisticada e bem organizada que suportava as economias e o comércio internacional ligados, em particular, aos poderios ibéricos e islâmicos. O mundo anglo-saxónico viu no combate à escravatura a possibilidade de aniquilar esse monopólio e essas rotas e mercados, alguns milenares, e, ainda hoje, podemos verificar o quão acertada foi essa estratégia. Alguns autores polémicos argumentam que apesar da escravatura ter sido oficialmente abolida em todos os países do mundo, a concretização dessa realidade é paradoxal, existindo hoje maior número de escravos do que em qualquer outro período da história da humanidade.

Se perguntarmos a uma criança instruída ou a um jovem se o Sol anda à volta da Terra ou viceversa, imediatamente reafirmam a teoria heliocêntrica. E se insistirmos e perguntarmos o que é que vêem todos os dias, qual é a realidade com que se defrontam no quotidiano, ficam estupefactos a achar que estão a conversar com alguém que está louco. Em relação às realidades que dizem respeito aos fenómenos sociais e humanos, também aí definimos verdades científicas

que condicionam a nossa percepção da realidade. A diferença é que por mais teorias que inventemos em relação à relação dos movimentos do Sol e a Terra, teorias heliocêntricas, geocêntricas ou outras mais, essa produção teórica não terá rigorosamente nenhum efeito sobre essa realidade.

Ora em relação aos fenómenos humanos e sociais, aquilo que pensamos, o que somos condicionados a ver ou o que apreendemos da realidade vai determinar as nossas ações. Uma vez mais, esta relação entre a esfera do indivíduo e do social, e como cada um de nós repete e reforça ou contesta e resiste àquilo que lhe é transmitido direta e indiretamente pela cultura vigente, é uma lição básica dominada por qualquer aluno de ciências sociais.

Contudo, esta constatação está longe de ser reconhecida como tendo um papel contínuo na organização da sociedade, ao nível das mais variadas decisões e opções. Este panorama é particularmente relevante no âmbito das escolhas económicas e políticas, individuais e coletivas, e, como se afirma em cima, as dimensões políticas e económicas estão irremediavelmente ligadas, com a exceção dos compêndios de introdução à economia.

Dito de outra forma, a economia precisa de modelos, de abstrações, de conceitos e de teorias. Em relação a grande parte destas definições existe um relativo consenso técnico e teórico entre as diferentes correntes de pensamento económico da atualidade. A verdadeira questão coloca-se ao nível das relações, inter-relações, efeitos e contra-efeitos entre esses mesmos conceitos. É o *como* que está em causa e não tanto o *o quê*.

O mesmo se pode dizer das opções, objetivos e valores professados, sendo a diferença antes uma questão de ordem, de prioridades, de hierarquia e do estabelecimento de compromissos entre essas mesmas ambições, elas próprias consensuais e incontestadas. A tentativa de utilizar tradições ideológicas que nos permitam interpretar a forma como economias concretas orientam as suas opções, muito útil em períodos determinados do século XX, deixou de fazer sentido uma vez que verificamos que uma economia ultra liberal pode optar por intervenções maciças do estado em circunstâncias muito específicas, enquanto que outras, de direção central, apostam duramente em medidas de promoção dos mercados, verificando-se o impensável, o estado forte a usar o seu poder para fortalecer o mercado.

Este cenário é possível numa lógica de competição entre poderes económicos pois todas estas opções aparentemente *contra-natura* são realizadas em nome de um valor mais alto do que o da ideologia estanque, que é o da busca da supremacia económica. Se tivermos em conta outra lógica, em particular aquela trazida pela consciencialização ambiental que se desenvolveu na

segunda metade do século XX, a par das teorias do caos e da complexidade, então verificamos o quão limitada, redutora e perniciosa é esta lógica.

Não é por acaso que estas teorias se desenvolvem a partir do pós-guerra, fazendo supor que a humanidade se tem de confrontar com o horror de como a forma como se organizou em sociedade pode ser profundamente auto-destrutiva para, então, aspirar a outras formas de organização e a outras lógicas de interpretação da realidade.

É possível descartar estas aspirações como suposições bem intencionadas ou como utopias irrealizáveis. Contudo, a própria ciência económica, em particular quando se liga a perspectivas transdisciplinares e integradoras, tem dado respostas concretas que, caso fossem melhor divulgadas e tivessem o acesso às esferas de decisão política, poderiam ter outro impacto, quer ao nível da opção política, pela definição de políticas económicas concretas, quer ao nível da opção realizada a nível individual, quanto ao apoio a essas mesmas políticas.

Conclusão

A perspectiva ligada à fixação na resolução de problemas e à interpretação da vida como problema é uma característica fundante da civilização ocidental. Em simultâneo, co-existem outras abordagens que, embora sejam periféricas ao pensamento dominante, têm um papel fundamental no sentido de trazerem novas interrogações - as quais são suscitadoras de mudança, de transformação e de desenvolvimento. É este o caso da semiótica, da filosofia prática, da psicanálise ou das ciências de comunicação, pois todas estas áreas partilham um olhar crítico, criativo e construtivo sobre a realidade.

Que incentivo podemos transmitir? Que mudança, transformação, revolução?

O esquema resumo seguido é o seguinte:

Objetivo tripartido, colocado em aberto, em forma de questionamento:

- Avaliação prospetiva do estado civilizacional das sociedades contemporâneas
- Intensificação daquilo que as constitui como uma unidade diversificada
- Modos de concretização ao nível individual e institucional.

Problema de pesquisa, programa para criação de uma dinâmica de pesquisa de longo prazo:

A concretização da inovação social disruptiva à escala global e o papel primordial da comunicação mediática a três níveis:

- (i) na sua relação com a sociedade civil, como exemplo de exaltação da dimensão política, de trabalho para o bem comum, presente em todo o ser humano
- (ii) na sua relação com a ciência, como comunidade científica militante, através da produção de conhecimento-ação, desafiando para a irrecusabilidade do dinamismo existencial
- (iii) na sua relação com o poder político e com o poder económico, quer público, quer privado, como criadora de alianças estratégicas eficazes, apelando à urgência, aqui e agora, na concretização de respostas *win-win* e de ótimos de Pareto.

O presente trabalho propõe uma reflexão aberta sobre as práticas das sociedades contemporâneas e faz um apelo a um maior diálogo e abertura, entre disciplinas e entre esferas e dimensões da sociedade, em particular à ligação entre os domínios público e o privado. A construção social é uma tarefa de todos para todos e constitui-se como uma atividade gratificante e compensadora quando integrada numa lógica partilhada de contributo para uma cidadania ativa e global.

Agradecimentos: Homenagem à memória de Eliseo Verón, falecido em abril de 2014, pela sua liderança e carisma, como cientista e como exemplo da cidadania global. A António Fidalgo (UBI/Portugal) e a António Fausto Neto (Ciseco/Unisinos/Brasil), pelo acolhimento e pelo convite para a reflexão e desenvolvimento do contributo da semiótica para a economia, como ciência e como política económica, em termos de análise normativa e positiva, desde 2010. Ainda, aos apaixonados pela semiótica de todos os tempos.

Dedicatória: aos gestos das heroínas do quotidiano, imparáveis na construção do bem comum, no aqui e agora - Teresa Gouveia, Manuela Silva e Marilde Santos.

Declaração de intenções: que a globalidade da pesquisa e ação das autoras seja um manifesto de compromisso político e académico possível e passível de uma institucionalização formal e explícita nas diferentes esferas de representação da semiótica nas sociedades contemporâneas, entendido como um projeto “larger than life”.

Bibliografia

